

“Olhar com Olhos de Ver”

C. Melo Dias¹

A observação é um processo fundamental que não tem um fim em si mesmo, mas que é subordinado ao serviço dos sujeitos e dos seus processos complexos de atribuir inteligibilidade ao real, fornecendo os dados empíricos necessários a posteriores análises críticas.

Iniciar a observação implica a organização de um projecto, de modo a realizar-se com o conhecimento da realidade a que se refere (Estrela, 1992).

Apesar da importância do posicionamento em co-territorialidade, para os iniciados em observação de classes, a técnica de observação naturalista é mais acessível e prática. Esta define-se em quatro princípios: o Princípio da não selectividade da observação; o Princípio da precisão da situação; o Princípio da composição; e o Princípio da continuidade (Estrela, 1986, p. 49).

Considera-se que este treino de iniciação à observação de classes corresponde fundamentalmente a um treino de observador, onde existe um plano contingente às diversas variáveis intervenientes nas situações pedagógicas.

1. Introdução

A observação não será certamente a única forma do homem inteligibilizar o *mundo* com os seus fenómenos e interacções que o rodeiam e dos quais faz parte, pois se nos reportarmos a uma sessão educativa, como referem Estrela & Estrela (1978, p. 57), “a observação do professor é o seu principal meio — se não o único — de conhecimento do aluno, meio esse que deverá ser a principal fonte de regulação da actividade do professor e dos alunos, constituindo a base da avaliação de diagnóstico e formação”.

No âmbito desta importância fulcral do processo de observação, este artigo consiste num trabalho de treino de iniciação à observação naturalista e análise da interacção, com o objectivo de proporcionar um olhar sobre o treino inicial no processo e método de observação e na análise da interacção de classes.

¹ Professor-Adjunto da ESEnC (Escola Superior de Enfermagem de Coimbra). Mestre em Ciências de Enfermagem pelo ICBAS (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar). Enfermeiro Especialista em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica. Doutorando em Enfermagem na Universidade Católica Portuguesa

O enquadramento teórico do conceito e da técnica foi experimentada a observação naturalista, seguida de iniciação à análise da interacção com base no modelo *ficha de síntese da observação* (Estrela, 1986, p. 235).

Espera-se que este texto seja visto como uma tentativa humilde de abordagem do complexo processo de observação, que suscitou muitos momentos de reflexão e de compreensão, da complexa posição de educador e de educando!

2. Observação

A observação é um processo fundamental que não tem um fim em si mesmo, mas que é subordinado ao serviço dos sujeitos e dos seus processos complexos de atribuir inteligibilidade ao real, fornecendo os dados empíricos necessários a posteriores análises críticas.

Em ciências sociais e humanas o processo de observação é envolto de dificuldades dada a contingência das diversas variáveis intervenientes, nomeadamente, o sujeito observador, o *objecto*² observado, a interacção sujeito observador-*objecto* observado e as situações pedagógicas.

Estas dificuldades podem levar o “professor a *olhar* para a sua classe e não a *ver*” (Estrela, 1992, p. 12), quando não dispõe de instrumentos e metodologias de observação que lhe permitam detectar os fenómenos de ordem pedagógica.

Assim, no âmbito da pedagogia, na dimensão das ciências sociais e humanas, o observador/investigador necessita de estabelecer um critério de observação que lhe permita organizar e dirigir a sua observação sobre o *objecto* ou situação pretendidos. Desta forma, a observação de classes constitui naturalmente a etapa necessária ao início de uma intervenção pedagógica fundamentada na prática do quotidiano.

3. Projecto de Observação

Iniciar a observação com interesse pedagógico e científico implica a organização de um projecto de observação, pois “nenhum projecto de investigação, ou de actividade geral, poderá realizar-se sem o conhecimento da realidade a que se refere” (Estrela, 1992, p. 27).

² “*Objecto* observado: Alvo específico da observação, podendo corresponder a pessoas, grupos, *objectos*, fenómenos e situações” (Lalande, 1968, citado por Damas & Le Ketele, 1985, p. 31)

A dificuldade em caracterizar as situações pedagógicas, como já referimos, resulta fundamentalmente do conhecimento subjectivo que o observador tem da realidade e das suas representações sociais.

De modo a vencer essas dificuldades e identificar os fenómenos de interesse pedagógico deve estabelecer-se:

1. *Delimitação do campo de observação* — estabelecer a escolha do observável, nomeadamente as situações e comportamentos, as actividades, os tempos e espaços de acção, as formas e conteúdos da comunicação, as interacções verbais e não verbais;
2. *Definição das unidades de observação* — estabelecer a escolha da classe, da turma, da escola, do recreio, dos alunos e professor e do tipo de fenómenos;
3. *Estabelecimento das sequências comportamentais* — estabelecer a escolha do *continuum* dos comportamentos ou do repertório comportamental.

4. Estratégia de Observação

A tendência mais actual na investigação com observação de classes é o posicionamento do observador em *co-territorialidade*, isto é, o observador observa a situação como participante, integrado emocional e racionalmente, mantendo concomitantemente a capacidade de observação positivista da mesma situação em causa, parecendo ser a que mais cabalmente responde à explicitação dos comportamentos observados e ao mesmo tempo providencia a compreensão do processo lógico que está na origem desses mesmos comportamentos.

Daí que para aplicar um projecto de observação no campo da prática se exija uma *estratégia de observação* (Estrela, 1986, p. 30), escolhendo:

1. *Formas e meios de observação* — escolha dos processos, métodos, técnicas e instrumentos de acordo com os objectivos pretendidos e com a situação em causa;
2. *Critérios e unidades de registo de dados* — escolha dos critérios de ordem funcional e temporal, e definição das unidades de observação *molares* e *moleculares*;
3. *Métodos ou técnicas de análise e tratamento dos dados recolhidos* — estabelecimento da fidelidade e validade dos dados, identificação das variáveis e factores determinantes, elaboração de modelos de inteligibilização do real;
4. *Preparação preliminar e de aperfeiçoamento dos observadores* — comparação entre os diversos protocolos de observação directa, análise de gravações, simulações.

5. Processo de Observação

“Só a observação permite caracterizar a situação educativa à qual o professor terá de fazer face em cada momento” (Estrela, 1986, p. 135), pelo que da percepção e interpretação subjectiva do real pelo observador se identificam as variáveis presentes e as interacções percebidas, com as quais se analisa objectivamente a situação e se toma consciência crítica de si e dos outros na situação.

Como forma de operacionalizar um conjunto de dados subjectivos do real, conduzido pelo projecto de observação e aplicado através da estratégia de observação, o processo de observação tem como objectivo a avaliação da situação com vista à intervenção pedagógica, sendo constituído de diversas funções da observação e por várias formas de observação.

6. Funções da observação

Estas funções são as que contribuem para a “criação ou utilização de um instrumento de observação” (Damas & Le Ketele, 1985, p. 26).

As autoras referem a existência das seguintes funções:

- Função *descritiva* — descreve os fenómenos, os comportamentos ou a situação;
- Função *formativa* — resulta da retroacção da observação;
- Função *avaliativa* — reside no contributo para a tomada de decisão para a acção;
- Função *heurística* — resulta da provável emergência de hipóteses pertinentes;
- Função de *verificação* — consiste na observação que permite verificar uma hipótese no campo da prática.

7. Formas de Observação

São formas que resultam da interpretação do processo de observação com base num critério específico, nomeadamente: o observador, o processo (propriamente dito), o *objecto* observado, a situação de observação, o grau de liberdade e de inferência, o momento e o tipo de anotação.

Do posicionamento ocupado pelo observador resulta a diferenciação entre *observação não participante* e *observação participante* (*passiva* e *activa*).

A observação não participante corresponde àquela em que o observador observa um grupo de forma distanciada, sem se integrar na vida deste.

A observação participante corresponde àquela em que o observador pode participar, de algum modo, na actividade do observado, sem contudo perder a integridade do seu papel de observador.

Esta observação participante pode por sua vez, ser passiva ou activa segundo Damas & Le Ketele (1985, p. 27). A *observação participante passiva* será aquela que exigindo flexibilidade, humor e paciência, permite ao observador manter-se íntegro na observação de um *mundo estranho*. A *observação participante activa* será aquela em que o observado desempenha funções susceptíveis de modificar efectivamente certos aspectos da interacção na situação.

De acordo com o seu processo, a observação pode-se classificar em observação *ocasional*, *sistemática* e *naturalista*.

A observação *ocasional* é aquela que é realizada pela escolha do observador, tendo em perspectiva um momento específico da interacção dos indivíduos ou um momento específico de um fenómeno, resultando no registo dos incidentes ocasionais verificados pelo observador.

A observação *sistemática* é aquela que “coloca em relevo a coerência dos processos e dos resultados obtidos, utilizando técnicas rigorosas, em condições bem definidas e com possibilidade de validação e repetição” (Reuchlin, 1969, citado por Estrela, 1986, p. 42).

Nesta forma de observação, o observador dispõe de um método de anotação de observações “orientado para a recolha de dados susceptíveis de tratamento estatístico” (Paquay, 1974, citado por Estrela, 1986, p. 42), dados esses que se dividem em duas formas: *sistemas de sinais* e *sistemas de categorias* (Medley & Mitzel, 1963, citado por Estrela, 1986, p. 42).

A observação *naturalista* corresponde à forma de observação que foi aplicada neste trabalho, e é aquela que sendo sistematizada, se realiza em meio natural, descrevendo as circunstâncias e comportamentos das situações e indivíduos, respectivamente, através de um observador distanciado em relação à realidade por ele observada.

Esta forma de observação preocupando-se com a descrição dos comportamentos do observado (segundo a etologia) ou preocupando-se com a descrição da situação (segundo a ecologia) da qual resulta o comportamento, é uma técnica que tem como finalidade a descrição de *biografias* com base na observação feita. Para essa descrição biográfica, Estrela (1986, p. 49) define esta técnica com quatro princípios:

1. *Princípio da não selectividade da observação* — em que os dados são acumulados sem selecção, embora sejam passíveis de análise posterior;
2. *Princípio da precisão da situação* — em que se define concretamente qual a situação em que se produziram determinados comportamento ou atitude observados;
3. *Princípio da composição* — em que as unidades de comportamento constituídas em grande número se fundem umas nas outras para constituírem as *biografias*;
4. *Princípio da continuidade* — em que se assegura uma observação correcta com o enquadramento global do observado ao longo de toda a situação ou actividade, estabelecendo o *continuum* comportamental do observado.

Define-se por objecto observado apenas por ser alvo específico da observação e com base neste critério a observação pode incidir sobre factos ou representação, pode ser atributiva ou narrativa e pode ser introspectiva ou alospectiva (Damas & Le Ketele, 1985, pp. 30-31).

- *Observação incidente em factos ou representações* — consiste numa observação orientada para as características da situação, os comportamentos e as interacções, visando recolher opiniões e maneiras de perceber os comportamentos e fenómenos;
- *Observação atributiva ou narrativa*:
 “É *atributiva* quando se esforça por aplicar a sua função sobre a presença ou ausência de: *Objectos*; Características dos *objectos*; Uma acção nos *objectos*.
 É *narrativa* quando se esforça por aplicar a sua atenção sobre: o desenrolar das acções; a sucessão dos estados — físico, afectivo, e outros — que acompanham o desenvolvimento das acções; os efeitos da acção; as consequências ulteriores que seguiram a acção e os seus efeitos imediatos e esperados” (Damas & Le Ketele, 1985, pp. 31 e 35).
- *Observação introspectiva ou alospectiva*:
 É *introspectiva* quando corresponde à observação do sujeito ou da situação em que está pelo próprio sujeito (observador); é *alospectiva* quando diz respeito à observação do sujeito ou situação conduzida por um observador externo.

De acordo com o critério da situação de observação, as formas de observação resultantes podem ser observação natural ou observação manipulada e observação molar ou observação molecular. A *observação natural* corresponde aos sujeitos que se encontram no seu quadro de vida *habitual* ou *familiar*, enquanto a observação manipulada corresponde à colocação dos sujeitos numa situação que é estranha ao *hábito* desses sujeitos; “A *observação molar* corresponde à apreciação de carác-

ter global do comportamento, nomeadamente as acções dos sujeitos, enquanto a *observação molecular* corresponde a um carácter mais específico, nomeadamente os gestos, manipulações, etc., dos sujeitos” (Pieron, 1973, citado por Estrela, 1986, p. 53).

No critério momento, a observação pode ser *longitudinal* ou *transversal*. É *longitudinal* quando o objectivo é descobrir os comportamentos dos sujeitos em função da dimensão tempo; é *transversal* quando o objectivo é estabelecer um quadro suficientemente representativo dos comportamentos do sujeito durante um dado período de tempo e em determinada situação relativamente circunscrita.

No que respeita ao *grau de liberdade* a observação varia entre livre (ou não-sistemática) — não tendo qualquer regra de anotação — e a sistemática que além do *continuum* de observação (que é comum às duas formas) apresenta dados do real, mais concretos, rigorosos e organizados.

No que respeita ao *grau de inferência*, da observação, podemos classificar em fraco e forte. No *grau de inferência fraco*, o observador regista escrupulosamente tudo o que vê e ouve sem se preocupar com o valor da sua representação. No *grau de inferência forte*, o observador regista tudo o que percebe da situação, isto é, além do que vê e ouve, também o que motiva, os sentimentos e as intenções.

Segundo o critério tipo de anotação, a observação pode tomar as formas de *imediate* ou *diferida*. Enquanto a anotação *imediate* é aquela que se segue directamente à observação do objecto, do comportamento ou do fenómeno, a anotação *diferida* é aquela em que um tempo relativamente longo separa a observação do seu registo em notas de observação.

8. Métodos de Observação

Do processo de observação, os métodos de observação de classes mais usados na investigação e na formação de professores, segundo Hamilton & Delamont (1974, citados por Estrela, 1986, p. 55), dividem-se em duas grandes correntes:

- *A análise da interacção;*
- *A investigação antropológica.*

No que respeita à análise da interacção descrevem-se vantagens e desvantagens da sua aplicação, a saber, vantagens: “simplicidade dos sistemas de observação e de notação, possibilidades de aplicação extensiva, dados com possibilidade de tratamento estatístico e possibilidade de descoberta das normas de funcionamento da classe”; desvantagens:

“não descreve os observados como pessoas (propriamente ditas), ignora o contexto da acção, não regista dados ambientais, os períodos de observação são curtos, exclui as intenções e finalidades, não considera o ponto de vista do observado e as categorias que utiliza podem distorcer a realidade” (Estrela, 1986, p. 55).

Na observação (investigação) antropológica, apesar de exigir uma presença prolongada e um contacto directo do observador com os observados, tem as vantagens de os dados poderem ser completados posteriormente com dados de entrevista e de questionário, e também de evitar o isolamento prévio das variáveis ao reduzir o campo de observação ao longo do percurso de investigação, de acordo com as perspectivas que emergem da situação, utilizando as categorias que decorrem da própria experiência de observação.

Os métodos de observação descritos não devem ser seleccionados por antecipação nem numa forma exclusivamente teórica, resultando em vantagem a utilização do método que melhor se adequa à informação obtida em *feedback* da observação já realizada (numa forma livre), de modo a corresponder cabalmente às necessidades de inteligibilidade do real com base nos objectivos pretendidos.

9. Contributos dos Métodos de Observação para o Professor

“A observação de situações educativas continua a ser um dos pilares da formação de professores (...), demonstrando a investigação que não há um modelo de bom professor, mas sim uma infinidade de modelos possíveis” (Estrela, 1986, p. 61).

Não havendo assim um ideal de modelo de professor, este deve munir-se de métodos de observação que lhe permitam estar mais consciente das situações de ensino e também mais consciente de si próprio nessas situações.

Independentemente da escolha do modelo (referida anteriormente), este deve permitir ser analisado criticamente, de forma a ser escolhido ou rejeitado com o rigor necessário. Segundo Estrela (1986, p. 62) o modelo escolhido deve ajudar o professor a:

- Reconhecer e identificar fenómenos;
- Aprender relações sequenciais e causais;
- Ser sensível às reacções dos alunos;
- Pôr problemas e verificar soluções;

- Recolher objectivamente a informação, organizá-la e interpretá-la;
- Situar-se criticamente face aos modelos existentes;
- Realizar a síntese entre a teoria e prática.

10. Modelo de Caracterização de Situações Pedagógicas

O processo de observação apresentado integra uma posição central no modelo de caracterização de situações pedagógicas desenvolvido por Estrela (1992, p. 29), e que visa fundamentalmente “não ser subordinado à rigidez do método mas ao rigor da técnica”.

Apresentando numa forma sucinta, o modelo de caracterização de situações pedagógicas é concebido, segundo o mesmo autor, para preparar e fundamentar a intervenção pedagógica nos educandos/formandos, dividindo-se em três fases: a *estrutura*, a *dinâmica* e a *organização*.

A *estrutura* é relativa à identificação dos elementos que constituem a estrutura do domínio que se vai estudar.

A *dinâmica* consistindo na apreensão das manifestações observáveis do sujeito em situação, isto é, orientado para as suas perspectivas e acções de modo a captar o interaccionismo dos fenómenos e a intencionalidade do comportamento do sujeito.

A *organização* que consiste na elaboração das interpretações sobre as acções do indivíduo em situação, é realizada através da sobreposição dos dados de modo a efectuar uma análise do real.

Neste modelo a utilização de grades de observação do comportamento (ver figura 1), de forma a estruturar a observação com critérios definidos, permite atingir graus satisfatórios de objectividade, substituindo a crítica baseada na observação espontânea e subjectiva, por um *feedback* orientado para os aspectos específicos e neutros de afectividade. Assim, para a elaboração da grade de categorias para registo dos comportamentos de interacção observados, procedeu-se a uma análise de conteúdo superficial dos registos presentes nos protocolos de observação, preenchidos por dois observadores, efectuada logo após a ocorrência da situação observada, para a detecção dos diferentes tipos de comportamento ocorridos. Tendo presente os objectivos do trabalho em questão, o estabelecimento das categorias da grade foi efectuado por categorização dos comportamentos observados e pela identificação dos elementos de ordem estrutural.

A grade construída (ver figura 1) apresenta quatro categorias de base (tempo, intervenientes, comportamentos verbais, comportamentos não verbais) e uma categoria complementar (observações), onde foram incluídas as informações não enquadráveis em nenhuma das categorias anteriores e as inferências feitas por cada observador. Dada a natureza geral dos objectivos, foram criadas, apenas, duas categorias de comportamentos — verbais e não verbais — não tendo sido considerado necessário proceder a um maior aprofundamento na distinção e na especificação dos comportamentos. Para a construção desta grade, o autor consultou os modelos publicados por Estrela (1986).

Figura 1. Grade de Categorias

GRADE DE CATEGORIAS PARA REGISTO DE COMPORTAMENTOS EM SITUAÇÃO DE AULA					
Curso:	Disciplina:	Ano:			
Local:	Número de Alunos:				
Data:	Observador:	Duração da Observação:			
Disposição dos Intervenientes:					
Actividade:	Conteúdo:				
<hr/> <hr/>					
Hora	Observador	Intervenientes	Comportamentos		Observações
			Verbais	Não verbais	

A vantagem da associação do modelo de caracterização de situações pedagógicas com as grades de observação advém assim de se tornar um meio de *feedback* objectivo, que não exige meios dispendiosos para a sua aplicação e que pode facilitar ao professor a tomada de consciência de si próprio em situação, perante os dados obtidos de observadores treinados.

11. Conclusão

Apesar de actualmente se defender o posicionamento de *co-territorialidade* do observador, referindo-se que é a posição que mais se adequa para uma apreensão da realidade, pois o observador está integrado emocional e racionalmente na situação (*co-vivência* na situação), mantendo ao mesmo tempo um distanciamento suficiente para desempenhar continuamente o seu papel de observador, neste trabalho de treino de iniciação à observação foi utilizada a técnica da observação naturalista com o observador distanciado da realidade, pois para os iniciados em observação de classes parece ser a técnica mais acessível e prática de compreender e manejar.

Assim, após a observação naturalista de uma turma em situação de sala de aula, procedeu-se à análise da interacção com a elaboração da ficha de síntese do protocolo

de observação naturalista (ver anexo 1) que nos permitiu uma descrição geral dos comportamentos e das situações e também uma análise sumária das interações.

Podemos considerar que este trabalho de treino de iniciação à observação de classes corresponde fundamentalmente a um *treino de observador* como definem Damas & Le Ketele (1985), onde defendem a não existência duma *técnica-tipo* universal para treinar observadores, mas sim a de um plano contingente às diversas variáveis intervenientes nas situações pedagógicas.

Das várias fases do plano de treino mencionado pelas autoras referidas acima e apresentado neste artigo, apenas se desenvolvem as três primeiras fases, que comportam:

1. Fase:

- “O observador observa e anota os comportamentos antes de aprender o sistema de observação sobre o qual irá trabalhar posteriormente;
- Descobre a importância e natureza dos erros cometidos pelo observador;
- Consciencializa a importância da categorização;
- Familiariza-se com o processo de observação, prevenindo o abandono desta acção perante a complexidade dos sistemas de observação (a trabalhar posteriormente);

2. Fase:

- O observador lê e estuda o manual de observação a utilizar de modo a familiarizar-se com o método ou sistema;

3. Fase:

- O observador inicia a aprendizagem da categorização e codificação da observação com protocolos escritos, sendo o *feedback* assegurado por um orientador (professor).

De facto, ao colocarmo-nos empaticamente na posição do professor rapidamente nos apercebemos da complexidade e relatividade da sua posição de educador/observador/avaliador, pois toda a sua atenção e concentração estão constantemente a ser solicitadas e repartidas por um grande número de actividades e indivíduos, dificultando a possibilidade de uma observação objectiva e sistemática.

Apesar da dificuldade, se nos quisermos envolver na intervenção pedagógica construtiva e proporcionar uma avaliação formativa aos educandos, devemos tender continuamente para uma prática de observação flexível, constante e contínua, pois como defende Flanders (1976, citado por Estrela, 1986, p. 63), “a investigação tem demonstrado que quando os professores ou alunos-professores têm a oportunidade de uma prática que é seguida de análises críticas adequadas, há muitas probabilidades de eles mudarem ou modificarem os seus padrões de comportamentos de ensino”.

Bibliografia

- Damas, M. & De Ketele, J.M. (1985) *Observar para avaliar*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Estrela, A. (1992). *Pedagogia, Ciências da Educação?* Porto: Porto Editora Lda.
- Estrela, A. (1986). *Teoria e Prática de Observação de Classes – uma estratégia de formação de professores*. (2ª edição). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Estrela, M. & Estrela, A. (1978). *A técnica dos incidentes críticos no ensino*. Lisboa: Estampa.

Outra Bibliografia de suporte

Não posso deixar de referir, por terem sido fundamentais, a assistência, leitura e suporte das aulas do Professor Doutor João Amado, e do Professor Doutor Albano Estrela na Pós-Graduação em Pedagogia da Saúde da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca, em Coimbra.

Résumé

L'observation est un processus fondamental qui n'a pas une fin dans elle même, mais qu'est subordonné au service des sujets et de leurs processus complexes d'attribuer intelligibilité à la réalité, fournissant les données empiriques nécessaires à postérieures analyses critiques.

Initier l'observation implique l'organisation d'un projet, afin de sentir réalisé avec la connaissance de la réalité à laquelle se rapporte (Estrela, 1992).

Malgré l'importance du positionnement dans co-territorialité, pour les initiés dans l'observation de classes, la technique de l'observation naturaliste est plus accessible et pratique. Celle-ci se définit en quatre principes : la non sélectivité de l'observation; la précision de la situation ; la composition ; la continuité (Estrela, 1986, p. 49).

On considère que cet entraînement d'initiation à l'observation de classes correspond fondamentalement à un entraînement d'observateur, où existe un plan contingent aux diverses variables intervenantes dans les situations pédagogiques.

Abstract

Observing is a fundamental process that does not have an end in itself, but that it is subordinated to the service of the individuals and their complex processes of attributing intelligibility to reality, providing the necessary empirical data to further critical analyses.

To start observing implies the organization of a project, in order to become fulfilled with the knowledge of the reality one refers to (Estrela, 1992).

Despite the importance of the positioning in co-territoriality, for the initiates in classes' observation, the technique of naturalistic observation is more accessible and practical. This is defined by four principles: the non selectivity of the observation; the precision of the situation; the composition; and the continuity (Estrela, 1986, p. 49). Therefore, initiation training to classes' observation corresponds mainly to an observer training, where there is a contingent plan to the diverse intervening variables in pedagogical situations.